

A MARGINALIZAÇÃO E A SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS NA MÍDIA E NA LITERATURA AFROFEMININA CONTEMPORÂNEA: ESPAÇOS QUE (DE)FORMAM IDENTIDADES

Dênis Moura de Quadros

Mestrando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

denis-dp10@hotmail.com

RESUMO

Este artigo pretende articular os conceitos de *Estado de crise* (BAUMAN; BORDONI, 2016 [2014]) e o de *homo sacer* (AGAMBEN, 2002 [1995]) para compreendermos os processos de marginalização e sexualização dos corpos negros legitimados pela mídia (NASCIMENTO, 1978) e discutidos pela literatura afrofeminina contemporânea, que encontra na negritude (BERND, 1984) e na (de)formação dessas identidades negras subalternizadas um ponto de resistência. Para tanto, analisaremos esses corpos em duas perspectivas: uma masculina, que tem cristalizada a figura do bandido, e uma feminina, que tramita entre o corpo desejado da mulata e o inalcançável padrão de beleza feminino europeu. O recorte escolhido para análise contempla poemas de duas autoras contemporâneas da literatura afrofeminina: Cristiane Sobral (1974-) e Mel Duarte (1988-).

Palavras-chave: estado de crise, *homo sacer*, literatura afrofeminina, Poetry Slam.

RESUMÉ

Cet article vise à articuler les notions d'*État de Crise* (BAUMAN; BORDONI, 2016 [2014]) et celui de l' *Homo Sacer* (AGAMBEN, 2002 [1995]) pour comprendre les processus de marginalisation et de sexualisation des corps noirs légitimés par les médias (NASCIMENTO, 1978) et discutés par la littérature afrofeminina contemporaine, qui trouve dans la négritude (Bernd, 1984) et dans la (de) formation de ces identités noires subalternizadas un point de résistance. Pour cela, nous analysons ces corps en deux points de vue: un mâle, qui a cristallisé la figure du bandit, et une femelle, qui l'homologation entre le corps désiré du Métis et le niveau inaccessible de la beauté féminine européenne. L'écrêtage choisi pour l'analyse envisage des poèmes de deux auteurs contemporains de la littérature Afrofeminina: Cristiane Sobral (1974-) et Mel Duarte (1988-).

Mots-clés: état de crise, *homo sacer*, littérature afrofeminina, Poetry Slam.

Introdução

Em *Estado de crise* (2016[2014]), os sociólogos Zygmunt Bauman (1925-2017) e Carlo Bordoni (1946-) discutem, em um primeiro momento, um possível conceito de *crise* partindo de sua compreensão intrincadamente econômica, chegando ao atual Estado de crise marcado pela crise do Estado, da modernidade e da democracia. É inegável que ao pensarmos nos vínculos desse conceito, o setor econômico é o primeiro a ser lembrado, amplamente usado pelos governos para repensar estratégias de importação e exportação, além de justificar cortes de gastos. Contudo, esse conceito de crise atrelado ao fator econômico pressupõe um fim e, ainda, dialoga metaforicamente com um conceito médico em que o paciente em "estado de crise" será avaliado por um grupo de médicos que deliberará os rumos que serão tomados para uma possível melhora (BAUMAN; BORDONI, 2016[2014]).

Quando uma crise acaba, outra, que nesse ínterim chegou roendo nossos calcanhares, entra em cena e toma seu lugar. Ou talvez se trate da mesma imensa crise que alimenta a si mesma e muda com o tempo, transformando e regenerando a si própria como uma entidade teratogênica monstruosa. Ela devora e muda o destino de milhões de pessoas, fazendo disso uma regra, e não uma exceção, tornando-se um hábito cotidiano com o qual temos de lidar, em vez de uma inconveniência inoportuna ocasional da qual nos vemos livres o mais rápido possível. (...) Nós temos de nos habituar a viver com a crise. Pois a crise está aqui para ficar (BAUMAN; BORDONI, 2016 [2014], p. 15).

Dessa forma, o atual Estado de crise que nos atinge não mostra vias de acabar tão cedo, pois, dada a sua complexidade, põe em cheque o poder soberano do Estado e o poder popular do Estado democrático. Logo, o Estado de crise, segundo os sociólogos,

nos põe em constante e interminável estado de alerta, remetendo sempre ao pior. Este estado de alerta - que parte principalmente da ineficiência dos governos em manter a segurança de seus cidadãos ou assegurar seus direitos mais básicos - desloca o poder soberano e abre brechas para que os próprios cidadãos executem a lei. Com isso, “permite-se” a ocorrência de mortes por linchamentos e chacinas que partem de grupos armados em busca do extermínio de outros grupos menos favorecidos. Ainda, o conceito baumaniano de que as sociedades são grandes latas de lixo, em que alguém será responsável por resolver os problemas de origem global, é a base para compreender que a atual crise é “(...) em primeiro lugar e acima de tudo uma *crise de agência*, embora em última análise seja uma *crise de soberania territorial*” (BAUMAN; BORDONI, 2016 [2014], p. 34, grifos do autor).

Compreendendo que a crise pautada no poder soberano do Estado, ou na limitação desse poder, não prevê um fim, o conceito de *homo sacer* resgatado pelo filósofo Giorgio Agamben (1942-), define a figura do sujeito matável não sacrificial, em um contexto em que o poder soberano designa e revoga o Estado de exceção. Esse conceito de Agamben será o ponto de partida para a discussão e compreensão dos espaços delegados, ainda, aos negros e a outros grupos discriminados no Brasil, bem como a falta de perspectiva, mesmo em constante luta e resistência, de um futuro diferente.

Agamben (2002) resgata o termo *homo sacer* da Roma Antiga, onde o *homines sacri* eram sujeitos anódinos tanto para os deuses, sendo não sacrificial, como para os homens, carnes matáveis. A morte desses sujeitos não previa punições judiciais, ou seja, suas vidas eram desprotegidas judicialmente - fato proclamado pelo poder soberano.

Aquilo que define a condição do *homo sacer* (...) não é tanto a pretensa ambivalência originária da sacralidade que lhe é inerente, quanto, sobretudo, o caráter particular da dupla exclusão em que se encontra preso e da violência à qual se encontra exposto (AGAMBEN, 2002, p. 30).

Ao pensarmos nos alarmantes índices atuais de violência envolvendo os negros, percebemos que o conceito de *homo sacer*, facilmente aplicado aos escravos africanos, ainda persiste. Mesmo com a abolição da escravatura a partir da Lei Áurea, em 1888, esses sujeitos não tiveram seus direitos mais básicos assegurados. Libertos à própria sorte, ex-escravos e seus descendentes ainda levariam consigo a marca do passado instaurado pelo poder soberano do período (Igreja e Coroa portuguesa) de serem *homines sacri*.

Além disso, a figura dos corpos negros marginalizados e sexualizados pela mídia, que colabora para a cristalização dessas definições e vincula suas mortes com a necessidade de um extermínio, localiza-os em uma espécie de campo de concentração. Contribui-se, assim, para a negação de uma identidade negra ou afro-brasileira através do processo de desafricanização.

Em contrapartida, em alguns espaços literários, em especial a literatura afrofeminina contemporânea, a negritude, segundo Bernd (1984), funciona como um processo contrário que deforma essa identidade negativa e (re)forma, em um processo reafricanização, outra identidade negra autônoma.

As favelas e outros locais de concentração de sujeitos negros, espaços subalternizados e marginalizados, põe seus moradores em constante estado de violência e desterritorialização. A qualquer momento o Estado, por vias judiciais, pode reivindicar a posse desse território, fazendo com que seus moradores partam para espaços ainda mais

afastados do centro. Esse fato, em voga nas inúmeras reintegrações de posses de prédios públicos abandonados ocupados por famílias periféricas, é uma constante na vida desses sujeitos descendentes de povos africanos diaspóricos. Desses inúmeros exemplos, citamos aqui o grupo de famílias intitulado *Lanceiros negros* que ocupavam um prédio público abandonado no centro de Porto Alegre-RS, e, constantemente, são ameaçados de despejo pelo estado do Rio Grande do Sul. Uma das investidas de reintegração, ocorrida na madrugada do dia 23 para 24 de maio de 2016, registrada em um documentário produzido pelo *Coletivo Catarseⁱ*, proibiu a entrada ou saída, por parte da Brigada Militar com o consentimento da justiça, dos moradores do prédio. Feriu-se, assim, o direito de ir e vir daquelas pessoas, fato que pode ser visto e articulado ao conceito de Estado de exceção discorrido por Agamben (2002[1995]).

Para melhor compreendermos como se dá a marginalização e sexualização dos corpos negros, analisaremos, em um primeiro momento, os corpos masculinos cristalizados na figura do bandido. Essa cristalização é perceptível cotidianamente na sociedade brasileira, seja através dos olhares direcionados dos seguranças de shoppings e/ou supermercados aos sujeitos negros ou no ato de atravessar a rua pelo sentimento de ameaça de que esses homens assaltem. Além disso, a morte dos jovens negros é veiculada na grande mídia ligada, quase sempre, a uma necessidade de extermínio.

Em contraposição à identidade que a mídia (de)forma em torno desses jovens negros, surge a literatura a poesia de protesto e resistência, como feita pelo MC W. J., além de outros poetas e slammers (concorrentes dos *Poetry Slam*). Veremos aqui como a literatura, e, em específico, a afrofeminina, faz uma crítica reflexiva dessa realidade e dessas identidades deformadas pela mídia. Em um segundo momento, analisaremos como os corpos negros femininos, que tramitam entre um padrão inalcançável de beleza

e a sexualização do corpo da mulata, são representados na mídia e na literatura afrofeminina contemporânea. O espaço delegado a essas mulheres ainda é o espaço privado do lar e, conseqüentemente, os subempregos, como os de empregadas domésticas e diaristas, funções historicamente desempenhadas pelas escravas.

A literatura marginal, compreendida aqui como a advinda de autores marginais periféricos, tem abarcado essa temática do racismo com a complexidade e a importância necessárias. Da lista de autores marginais que ainda não possuem obras escritas e primam pela oralidade, acrescentamos os inúmeros slammers, como os participantes do *Slam Resistência*. O *Uptown Poetry Slam* ou apenas *Slam* é um evento competitivo de poesia oral surgido nos Estados Unidos em meados de 1986 e encabeçado pelo operário da construção civil Mark Kelley Smith. As competições se espalharam pelo mundo e, hoje, acontecem inúmeros campeonatos nacionais e internacionais (NASCIMENTO, 2014).

A mídia reflete um discurso de inferioridade, pois, não sendo brancas, essas mulheres deveriam negar seus traços negros. Para isso, elas devem utilizar artifícios que diminuam e/ou atenuem essas diferenças como, por exemplo, o alisamento dos cabelos. Paralelamente, há ainda uma sexualização dos corpos das mulatas, vistas como objetos de desejo e posse. Essas imposições feitas por grande parte da sociedade brasileira às mulheres negras é tema de inúmeras obras da literatura afrofeminina, compreendidas como: “(...) uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades” (SANTIAGO, 2012, p. 155). Para refletirmos sobre essa identidade na literatura, analisaremos as obras poéticas *Não vou mais lavar os pratos* (2016a [2010]) e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2016b[2014]), ambos de Cristiane Sobral, e *Negra nua crua* (2016), da slammer e poeta ambulante Mel Duarte.

Cristiane Sobral Correa Jesus (1974-) é carioca e mestre em Arte Universidade Federal de Brasília, cidade em que mora desde 1990, com a dissertação *Teatros negros e suas estéticas na cena teatral brasileira*, defendida em 2016. Sobral é também coordenadora intermediária de Direitos Humanos e Cidadania e Diversidade na Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante – DF, atriz e diretora. Como escritora, publicou, primeiramente, nos *Cadernos negros* e, após, de forma independente, seus livros de poesia aqui analisados, além de *Tapete Voador* (2016), recentemente publicado pela editora Malê.

Mel Amaro Duarte (1989-) é paulista, formada em Comunicação Social, poeta ambulante, slammer, produtora cultural e videomaker. Conheceu a poesia na escola aos oito anos, quando pensava que teria que esperar sua morte para ser lida e reconhecida no meio. Publicou de forma independente dois livros de poesia: *Fragmentos dispersos* (2013) e *Negra nua crua* (2016). A obra poética aqui analisada, *Negra nua crua* (2016), é dividida em três blocos: *Negra*, em que a poeta permeará as negritudes e a aceitação dessa identidade; *Nua*, onde a autora escreverá poemas íntimo; e *Crua*, que abarcará principalmente as poesias de protesto.

1. Marginalização e sexualização do corpo negro masculino

Partimos de uma notícia recente, entre 20 e 21 de novembro de 2016, amplamente divulgada e divisora de opiniões nas redes sociais: "Um helicóptero da Polícia Militar cai no Rio de Janeiro enquanto fazia o apoio a uma operação na favela Cidade de Deus". A queda do helicóptero na favela ocasionou a morte de quatro policiais e uma ação (e nesta não entraremos em detalhes) da PM na favela que "encontrou" sete corpos de jovens

negros em um pântano próximo. A relação das mortes dos jovens negros, sete sem nome e sem identificação na matéria do portal de notícias G1ⁱⁱ, com a queda do helicóptero que, após perícias, não continha sinal algum de ter sido alvejado, percorreu as redes sociais e dividiu opiniões. De um lado, estavam moradores da comunidade consternados com a chacina, de outro, um grupo de classe média e média alta, incluindo políticos e secretários de segurança, que aplaudiram a morte dos jovens. Posteriormente, ficou comprovada a inocência deles em relação à queda do helicóptero por pane elétrica.

Ainda na mídia, em seis de junho de 2016, em matéria assinada pela jornalista Fernanda da Escóssia para o BBC Brasil, foram divulgados os dados obtidos pela CPI do Senado Federal sobre a mortalidade de jovens. Esses dados informam que 77% do total são negros: são aproximadamente 23.100 jovens negros, entre 15 e 29 anos, mortos por ano no Brasil. O que contabiliza uma média de **um jovem negro morto a cada 23 minutos**. Dessas mortes não temos números, sequer aproximados, de quantas foram por acidentes, por balas perdidas ou, ainda, de inocentes. Mas, em divulgações nas redes sociais, há uma estimativa alarmante de que a maioria desses mortos não tenham envolvimento com a criminalidade ou tráfico de drogas. Mortes essas marcadas também pelas inúmeras ações do BOPE (Batalhão de Operações Especiais) nas favelas cariocas, como afirmam as postagens na página *As últimas palavras de jovens negros*ⁱⁱⁱ. A página, atualmente, conta com mais de 26 mil curtidas e publica vídeos e fotos das últimas palavras de jovens negros mortos pelo Brasil, desde o caso de Luana Barbosa dos Reis, - negra, lésbica, morta em 13 de abril de 2016 após ser brutalmente espancada por policiais homens que queriam revista-la em Ribeirão Preto (SP), até a morte do menino morador de rua, João Victor, em março de 2017, por seguranças de uma rede de *fast food*. O caso de João Victor ainda é polêmico, pois o laudo do Instituto Médico Legal

aponta a causa da morte como ataque cardíaco advindo do uso prolongado de drogas, contudo o caso segue em investigação. Chamo atenção para esses e tantos outros fatos inegáveis da morte de negros, apontados também pela música brasileira, como em *A carne*^{iv}, de 1997, no álbum *Moro no Brasil* do grupo Farofa Carioca. A música composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Ulisses Cappelletti e regravada por Elza Soares, no álbum *Do cóccix até o pescoço* (2002), discute e escancara essa “carne” barata e desvalorizada, ou aqui compreendida por *homo sacer*.

O menino João Victor entra para a negra história do genocídio de jovens negros no Brasil, e não apenas para mais uma estatística. É fácil perceber a diferença com a qual a mídia trata essas notícias em comparação com as inúmeras prisões de “acusados” de desvio de verbas públicas. Outro fato importante a ser pensado são as 1.478 casas de detenção superlotadas que abrigam, em sua maioria, negros (cerca de 60% segundo pesquisa do Infopen [Informações Penitenciárias] de 2014). O conjunto desses atos não deixam de caracterizar um genocídio à população negra, já apontado no ensaio *Genocídio do negro brasileiro* (1978), de Abdias do Nascimento (1914-2011), que articula a proibição do governo e da mídia em discutir o racismo, primando pelo mito da democracia racial e a sexualização das mulheres, em busca de um embranquecimento da sociedade brasileira. Desse processo de desafricanização, já apontados por Abdias do Nascimento, infere na apropriação cultural do colonizador e no apagamento da cultura africana, principalmente, nas artes. Esse processo só foi refletido através da criação do *TEN* (Teatro Experimental do Negro) encabeçado pelo próprio autor.

A literatura marginal, compreendida aqui como a advinda de autores marginais periféricos, tem abarcado essa temática do racismo com a complexidade e a importância necessárias. Da lista de autores marginais que ainda não possuem obras escritas e

primam pela oralidade, acrescentamos os inúmeros *slammers*, como os participantes do *Slam Resistência*. O *Uptown Poetry Slam* ou apenas *Slam* é um evento competitivo de poesia oral surgido nos Estados Unidos em meados de 1986 e encabeçado pelo operário da construção civil Mark Kelley Smith. As competições se espalharam pelo mundo e, hoje, acontecem inúmeros campeonatos nacionais e internacionais (NASCIMENTO, 2014).

O *Slam Resistência* é um dos inúmeros concursos de poesia falada no Brasil que reúne, desde 2015, vários *slammers* todas as primeiras segundas-feiras de cada mês a partir das 19h na escadaria da praça Roosevelt, em São Paulo. Além do concurso, o espaço é propício, sobretudo, ao debate literário de temas não veiculados na mídia, como, por exemplo, a poesia *Luana, Presente^v*, da *slammer* e poeta ambulante Luz Ribeiro (1988-), feita como protesto à morte de Luana Barbosa dos Reis e Cláudia Silva Ferreira, ambas agredidas e mortas por PMs.

W. J., poeta marginal, retoma as alusões, comuns na literatura marginal introduzido por Ferréz com o *Terrorismo literário* (2005), ao afirmar que “A minha índole é a leitura e meu fuzil é o papo reto” (W. J., 2017). É interessante notar a analogia entre o processo da literatura marginal é ao processo de negritude, uma vez que ambos partem de grupos subalternos que assumem como forma de protesto e resistência o que a sociedade menospreza nestes sujeitos. Na poesia falada postada pela *Grito Filmes*, W. J. vai abranger as mortes inocentes:

Eu preciso falar, século XXI, onde tudo é comum
 Policial que confundiu nego com um traficante, matou, foda-se
 Era só mais um, esse é o Brasil, e esse é aqui é meu povo
 Eu apostei 100 mil contigo, que amanhã ele confundi de novo
 Amanhã, depois e novamente
 De dez traficante que morre, nove é inocente

Mas como ser traficante e inocente ao mesmo tempo na vida?
É só dizer que é traficante e pronto, e todo mundo acredita
Até eu acredito no que foi dito pelo supremo veredito
E ai de mim se não acreditar, talvez nem passe mais um dia vivo.
(W. J., 2017).

Cristiane Sobral, em *Black no preto*, poesia publicada em *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2016b[2014]), vai retratar esse corpo negro masculino que assume sua negritude por meio dos cabelos *black power*. Compreendemos negritude aqui como “(...) um movimento que pretendeu provocar uma ruptura com um padrão cultural imposto pelo colonizador como único e universal” (BERND, 1984, p. 52). Grosso modo, que pretende atirar de volta a pedra jogada pelo opressor compreendido ainda como homem-branco-europeu.

Um preto de Black Power é suspeito
Não foi alisado?
Não foi iludido?
Não foi cooptado
Pelo sistema?
(SOBRAL, 2016b[2014], p. 34).

A referência ao uso do cabelo *black power* (poder negro, em tradução livre), amplamente divulgado desde a década de 1950 e eternizado por Angela Davis (1944-) na década de 1960, sugere resistência aos moldes impostos aos negros. Afirmar a negritude, aqui nos cabelos, parece ser algo que rompe com uma ordem socialmente imposta a esse sujeito que não foi alisado, iludido e nem mesmo compactua com o sistema. A segunda estrofe do poema segue denotando esse sujeito transgressor, logo bandido, ao afirmar

que: “Deve ser perigoso / Vagabundo, meliante / Qualquer coisa que não preste” (SOBRAL, 2016b[2014], p. 34). Essa construção que compactua com o “sistema” nos lembrará, na quarta estrofe, o processo de desafricanização imposto aos povos africanos, em processo diaspórico, ao chegarem ao Brasil e seus países de destino.

Esse preto de cabelo em pé
Ora que ousadia
Raspem a cabeça
Antes que ele esqueça
Que não deve ter opinião
Que não pode ser livre
Não pode não
(SOBRAL, 2016b[2014], p. 34).

As negações presentes na estrofe acima denotam e evocam também o espaço delegado aos negros na sociedade mesmo após a Lei Áurea, em que qualquer atitude de resgate e aceitação de negritude é um ato de ousadia e toda e qualquer manifestação contra o racismo no Brasil, espaço de onde falamos, é protesto. Na quinta estrofe, esse processo de desafricanização será acentuado e relacionado com o sistema carcerário: “O sistema carcerário é a solução / Transforma bandido em cidadão” (SOBRAL, 2016b[2014], p.35). Reforçando a ideia cristalizada e marginalizada do corpo negro masculino. O poema encerra ainda mais irônico ao afirmar que, após ter o cabelo raspado, esse sujeito se torna “Um preto de alma branca / Nunca sofreu racismo / É fruto do capitalismo / Está tudo bem”.

O sujeito do poema *Black Power* já é adulto e ao pensarmos em sua ida para o sistema carcerário não podemos deixar de lembrar que antes de atingir a idade adulta

vários corpos negros já se encontram detidos nesse sistema através das internações nos CASE (Centros de Atendimento Sócio-Educativo) da FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo), antiga FEBEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor). Pensando nesses meninos e, em especial, na mãe deles, Mel Duarte escreve o poema *Coração de mãe*, publicado na terceira parte, *Crua*, da obra poética *Negra nua crua* (2016).

Existem almas sinceras que clamam por atenção!
Existem almas que precisam dar e receber perdão.
Uma pausa do mundo- seres confusos, excluídos
sentimentos, sentir medo, sentimos tudo.
Ações e reações por impulso
resgatar, mentes em desuso.
(DUARTE, 2016, p. 57).

Notamos que a poeta tem um olhar externo, a caneta não é entregue nas mãos desses meninos, mas há um conhecimento de seus sentimentos, de seu íntimo. Esses “Meninos Labirintos” que tem suas mentes em desuso e são amontoados nos CASE estão, de certa maneira, participando do sistema carcerário brasileiro. O eu lírico do poema questiona: “Querer seguir adiante / Mas como ultrapassar o abismo?” (DUARTE, 2016, p. 57). Abismo, aparentemente intransponível, que não permite outros caminhos e outros fins a esses sujeitos. Duarte (2016) finaliza com: “Coração de mãe é grande sim, mas não cabe na cadeia” (p. 57).

Esse menor infrator, em sua maioria negro e periférico, também será tema no poema *Carma* publicado na obra poética *Não vou mais lavar os pratos* (2016a [2010]) de Cristiane Sobral.

Esse menino?
Vendia chiclete e bala
Vendia a alma
(...)
Aprendeu a beber, a roubar, a matar e cresceu
bandido
(SOBRAL, 2016a[2010], p. 69).

Sobral parte do ângulo de que conhecia esse menino e sua história. Sua origem é a de um avô, vendedor de munição que abandona sua companheira, e de um pai que vivia embriagado, ou seja, dois homens marginalizados, transgressores. O final do poema denota o fim de um desses inúmeros meninos, como João Victor: “Morreu indigente / Nunca recebeu presente / Nem conheceu vida pior que a sua” (SOBRAL, 2016a [2010], p. 69). É evidente que não podemos afirmar que o futuro desses meninos é inexorável, mas, infelizmente, a realidade não cessa de negar dois fins aos corpos negros masculinos: prisão e morte. Ambos, justificáveis pelo poder soberano que determina a figura do *homo sacer*.

2. Marginalização e sexualização do corpo negro feminino

Pensando na questão de marginalização dos corpos femininos que perpassa os mesmos mecanismos de desafricanização dos corpos negros masculinos, temos esses corpos com seus cabelos alisados, não cortados e amontoados no espaço da "nova Casa Grande". Esse processo é discutido por Preta Rara^{vi} em apresentação no TEDx São Paulo (evento auto-organizado pelo TED, uma organização sem fins lucrativos, dedicada a espalhar boas ideias), em novembro de 2016. A profissão imposta às mulheres negras

tem raiz no período da escravidão africana no Brasil que, mesmo após a assinatura da Lei Áurea e a libertação para a morte dos inúmeros escravos e escravas, instaura a criação de subempregos, tais como os de serviços domésticos. A criação dos direitos trabalhistas às empregadas domésticas e diaristas é muito recente, advindos da Lei nº 11.324/2006 que humanizou o trabalho de inúmeras mulheres e mães de família, e, posteriormente, a PEC 66, conhecida como *PEC das domésticas*, que igualou os direitos trabalhistas domésticos aos urbanos e rurais.

Pensando nessas mulheres e o conceito formado de que o espaço delegado às negras é doméstico e, conseqüentemente, os empregos possíveis são de faxineiras, cozinheiras, diaristas, é que elencamos o poema *Escrava de estimação* publicado no livro *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2016b[2014]).

Punhos sangrando
Seios jorrando
Sexo brotando
Pra servir de comida
A mais próxima?
A mas útil?
A mais apta?
(SOBRAL, 2016b[2014], p. 47).

Notamos como esse corpo negro feminino é tratado na sociedade ainda sendo remetido à escravidão, momento em que essas mulheres não tiveram apenas a obrigação de servir esses novos “Senhores” e “Senhoras”, mas também de serem ágeis e aptas a esses serviços. Ao questionar no terceiro parágrafo “A miss?”, a poeta remete ao fato de que essas “escravas” de estimação são muito jovens. Ainda no terceiro parágrafo, segue

o questionamento com “A mais clara?”, lembrando que elas já passaram pelo processo de branqueamento advindo da mestiçagem.

Já no poema *Cuidado*, publicado em *Não vou mais lavar os pratos* (2016a[2010]), questiona-se o processo que deforma a identidade negra em detrimento da adoção do mito da democracia racial. O poema começa e reitera em outros versos que falará do “nosso cabelo”.

Primeiro dizem que todos somos iguais
Que somos todos filhos de Deus
Rapidamente é diagnosticada a paranoia
Começamos a achar
Que o problema está na nossa cabeça preta
(SOBRAL, 2016a[2010], p. 81).

A paranoia indicada pela voz poética denota que a sociedade, utilizando como meio a mídia, afirma não haver preconceito racial no Brasil. Porém, os altos índices de violência e mortandade somados às poucas oportunidades de emprego e de melhora salarial questionam esse discurso. Ainda, a poesia permeia os negros que conseguiram invadir esse sistema e os sacrifícios que foram necessários para isso.

Mel Duarte (2016), em *Menina melanina*, reflete sobre as inúmeras mulheres que aceitam a identidade negativa imposta, acomodando. A aceitação da sexualização do corpo feminino negro acentua-se ao afirmar: “Que chegará ao ápice de sua carreira quando se tornar a próxima Globeleza” (p. 11). Essa sexualização e erotização dos corpos das negras é também divulgado pela figura da mulata, produto de exportação brasileiro discutido por Nátaly Neri no Tedx São Paulo^{vii}.

Contudo, mesmo com as inúmeras tentativas, via mídia, de legitimar o processo de desafrikanização, a literatura, e aqui a afrofeminina, assume a negritude necessária para reverter, ou pelo menos tentar, este processo. Das inúmeras dificuldades em assumir essa negritude, principalmente nos cabelos, Mel Duarte no poema *Não desiste!* chama as mulheres para a luta de legitimação do processo de negritude, requerendo seus espaços de direito.

Não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe calar,
Por mais que queiram esconder
Corre em tuas veias força yorubá,
Axé para que possa prosseguir!
(...)
O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza
Duvidaram das nossas ciências.
E quem antes atendia pelo pronome alteza
Hoje, trava lutas diárias por sua sobrevivência
(DUARTE, 2016, p. 14).

Em vias de finalização, não podemos esquecer que o Estado ao entrar em crise e não conseguir garantir os direitos de seus cidadãos e, no cerne desta crise, sua segurança auxilia para que esses cidadãos sob o signo do medo regridam para períodos de caos. Na tentativa de manter a sociedade segura, pessoas se armam, por vias legais e ilegais, e partem para o extermínio de "sujeitos ameaçadores". O aumento do extermínio desses grupos discriminados culmina em mortes como a de Dandara dos Santos, brutalmente assassinada em Fortaleza, filmada em uma das sessões de tortura a que passou, ou mesmo de João Victor e Luana dos Reis, já citados.

Enquanto a mídia tenta discutir que a crise é de cunho econômico, legitimando os cortes do atual governo, e não discute o genocídio ou mesmo extermínio dos negros no Brasil, instaurado por Abdias do Nascimento já na década de 1940, a literatura afrofeminina nega os processos de desafricanização e branqueamento encontrando na negritude uma possibilidade para negar essas identidades (de)formadas.

“Eu quero invadir escolas com histórias negras” (2016, p. 25) afirma Mel Duarte. Ao encontro dessa afirmação vai o projeto *Escrevivência*, de Conceição Evaristo, que tem alcançado, na academia ainda encastelada com a leitura dos cânones, espaço necessário. Se pudéssemos ainda pensar em camadas de *homo sacer*, teríamos em escala decrescente: corpos negros masculinos e corpos negros femininos. O conceito agambiano de *homo sacer*, divulgado pela mídia e desconstruído pela literatura, necessita alcançar todos os espaços de discussão possíveis, principalmente na academia que, ainda, nega essas discussões. Precisamos começar de algum espaço, mesmo que seja necessário “tomar de assalto” este lugar e fazer ecoar essas vozes ainda tão dissonantes, atuantes nos saraus periféricos e *Slams* pelo Brasil e pelo mundo.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. (1995)
- BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. *Estado de crise*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. (2014)
- BERND, Zilé. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUARTE, Mel. *Negra nua crua*. São Paulo: Ijuma, 2016.

ESCÓSSIA, Fernanda da. *A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI*. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Jenyffer. *Terra fértil*. São Paulo: Mjiba, 2014.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2012.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: 2016a. (2010).

SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: 2016b. (2014)

W. J. Mc. *Eu preciso falar*. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

ⁱ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y97fhAH7Cyc&t=1s>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

ⁱⁱ SANTRIANO, Nicolás; BOECKEL, Cristina. *Corpos são encontrados em mata na Cidade de Deus, Zona Oeste do Rio*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/delegacia-de-homicidios-e-acionada-para-cidade-de-deus-zona-oeste.html>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

ⁱⁱⁱ Disponível em: <<https://www.facebook.com/UltimasPalavras/?fref=ts>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

^{iv} JORGE, Seu; YUCA, Marcelo; CAPELETTI, Ulisses. *A carne*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B1Binn6oupA>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

^v RIBEIRO, Luz. *Luana Presente*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kbrUMDcdJU8>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

^{vi} Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo>. Acesso em: 30 mar. 2017.

^{vii} Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw&t=322s>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Recebido em 9 de julho de 2017.

Aceito em 4 de outubro de 2017.